

NAUFRÁGIO DO *BAHIA* – “TINHA QUE ACONTECER E PRONTO”

DEOLINDA OLIVEIRA MONTEIRO
Jornalista

SUMÁRIO

Introdução
O Sargento Mosquito
O naufrágio
A epopeia
O resgate
E a vida continuou...
Homenagem aos mortos em guerra

INTRODUÇÃO

Com o propósito de manter o registro da História Marítima do Brasil, o Departamento de História da Diretoria de Patrimônio Histórico e Cultural da Marinha (DPHDM) desenvolve o Programa de His-

tória Oral da Marinha – Projeto Memória, para o qual tem realizado entrevistas com militares que testemunharam eventos históricos envolvendo a Força.¹ A *Revista Marítima Brasileira* participou, recentemente, de uma dessas entrevistas, com o Primeiro-Tenente² (Ref.) Antônio Luiz dos Santos, o

¹ N.R.: A fim de ampliar cada vez mais o acervo do Departamento de História da DPHDM, a equipe do Projeto Memória solicita a quem tiver conhecimento da existência de pessoas que possam contribuir com seus depoimentos para esse trabalho que entre em contato com o Tenente Daniel, pelo telefone (21) 2104-6722 ou pelo *e-mail* daniel@dphdm.mar.mil.br.

² N.R.: À época do naufrágio, Antônio Luiz dos Santos era sargento. O militar passou para a reserva em 1952, no posto de primeiro-tenente.

Mosquito, um dos sobreviventes do naufrágio com o Cruzador *Bahia*, ocorrido em 4 de julho de 1945, quando em missão de apoio a aviões militares no Oceano Atlântico, na Segunda Guerra Mundial³.

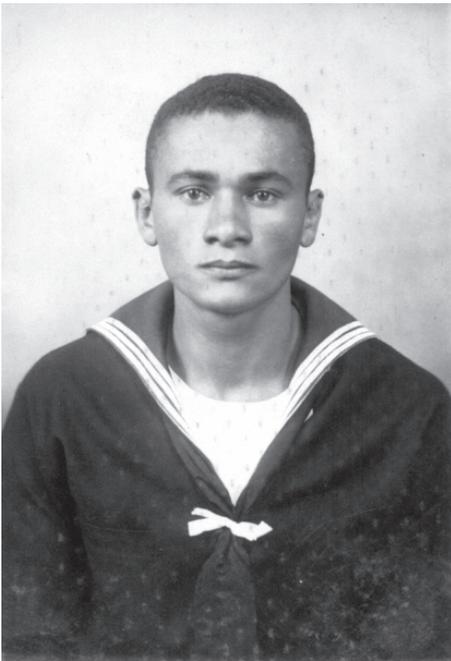
Em 4 de julho último, completaram-se 65 anos do afundamento do navio, o que fazia a ocasião propícia para a publicação do artigo baseado na referida entrevista. Infelizmente, no dia 30 desse mesmo mês, faleceu nosso entrevistado. Assim, publicamos o presente artigo também como forma de homenagem ao militar, que lutou bravamente para salvar sua vida e a de outros companheiros naquele infortúnio.

O SARGENTO MOSQUITO

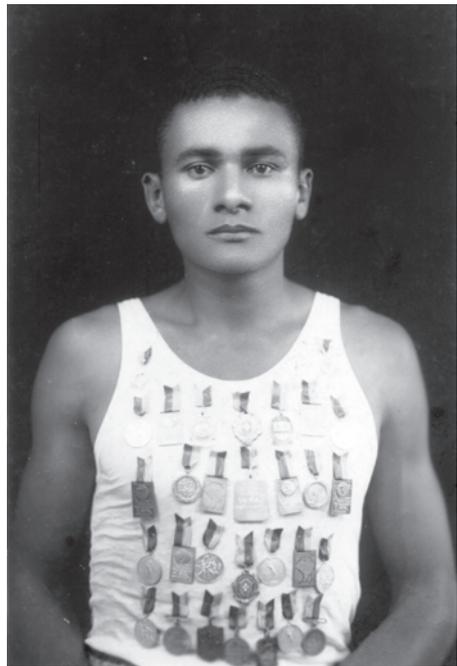
O fluminense Antônio Luiz dos Santos nasceu na cidade de Angra dos Reis, em

de 13 de julho de 1914. Em 1928, ingressou na Marinha pela Escola de Aprendizagem de Marinheiros de Angra dos Reis. Exímio nadador, fez parte da equipe da Marinha de natação e foi convocado para ser um dos representantes brasileiros no Campeonato Sul-Americano de Natação de 1935, realizado no Rio de Janeiro, então capital federal. De 1940 a 1941, cursou a especialidade de Educação Física, o que certamente ajudou a lhe proporcionar a boa forma com a qual contou até o final de sua vida e que, provavelmente, contribuiu para que sobrevivesse ao naufrágio. “Tenho certeza de que me salvei daquele naufrágio graças à minha boa condição física, conseguida como desportista. Também nunca fumei e nem bebi”, atestava.

O apelido Mosquito foi dado pelo jornalista Idalcio Mendes, que assinava, sob



O Marinheiro Mosquito



O nadador medalhista Mosquito

³ A entrevista com o Sargento Mosquito foi sugerida pelo Capitão de Mar e Guerra (RM1) Adolfo Barros da Silva Júnior.

o pseudônimo Zé Brígido, a coluna “Para ler no bonde”, no jornal *O Diário de Notícias*. Idalício assistia a um treino de natação na Marinha e perguntou ao técnico quem eram os atletas e seus apelidos. Como Antônio ainda não tinha apelido, seu técnico sugeriu Ratinho, pois ele era magrinho. Idalício preferiu Mosquito, pelas pernas finas e longas de Antônio, e assim o apelido pegou.

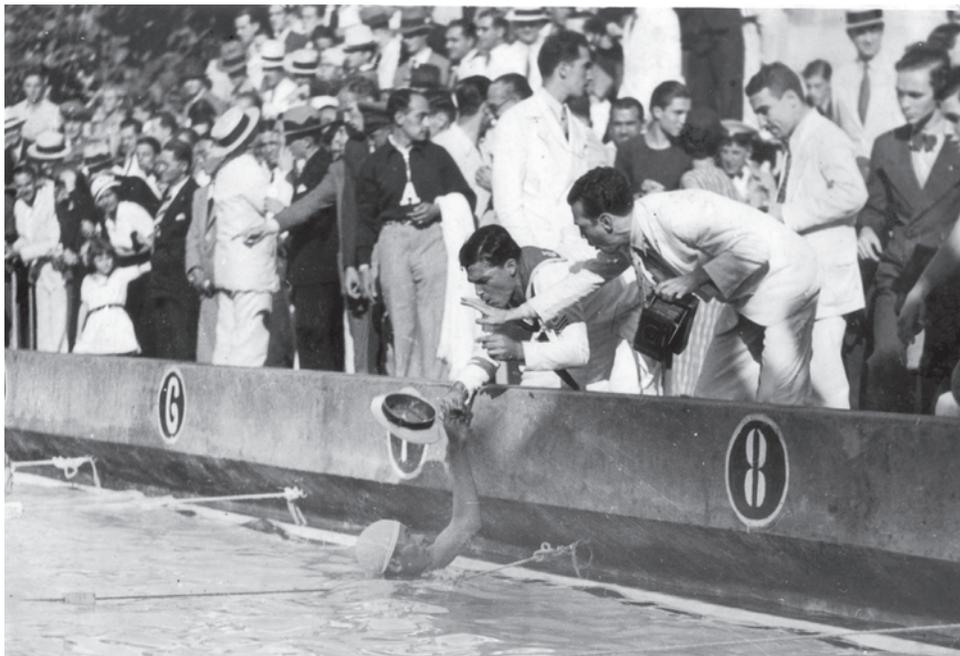
Em 1943, Mosquito serviu no Tênder *Belmonte*. Na época, cada navio tinha um especialista em Educação Física. Por troca, acabou depois embarcando no Cruzador *Bahia* como monitor de Educação Física e começou a



O Sargento Mosquito

participar dos comboios que escoltavam navios mercantes norte-americanos ameaçados por submarinos alemães no Oceano Atlântico, durante a Segunda Guerra Mundial.

Quando foi decretado o armistício que pôs fim à guerra, o Cruzador *Bahia* (o “Velhinho”, como era chamado na Força Naval do Nordeste) estava em comboio Rio de Janeiro-Recife. Mosquito relembrou: “O comandante autorizou que abrissemos umas garrafas de cerveja, coisa rara nos navios da Marinha na época, para comemorar”. Os americanos começaram a evacuar suas tropas do teatro de operações, e foram designados navios,



Uma das emocionantes chegadas com vitória de Mosquito. Prova de 400 metros, nado de peito

entre os quais o *Bahia*, para fazer a cobertura do transporte aéreo dessas tropas de regresso da Europa. Havia um navio a cada 500 milhas, que era designado como “Estação”. O *Bahia* era a Estação 13 – “Que número, hein...”, dizia, brincando.

Foi nesse navio que o então Terceiro-Sargento Antônio Luiz dos Santos passaria pelos momentos mais difíceis de sua carreira na Marinha e também de sua vida. E ali ele viveria, por que não dizer, a sua epopeia.

Quatro dias após o afundamento, foram salvos apenas 33 tripulantes pelo mercante inglês *S/S Balfe*. Entre esses tripulantes estava o Mosquito.

Com 95 anos à época da entrevista (realizada em outubro do ano passado), ele era um dos nove sobreviventes do naufrágio do *Bahia* ainda vivos. Saudável e com uma lucidez louvável, mostrava-se um arquivo vivo da tragédia do navio, da qual se recordava com detalhes precisos. “Lembro-me de tudo muito bem. Mas isso não quer dizer que fiquei com trauma. O acidente tinha que acontecer e pronto”, disse.

O NAUFRÁGIO

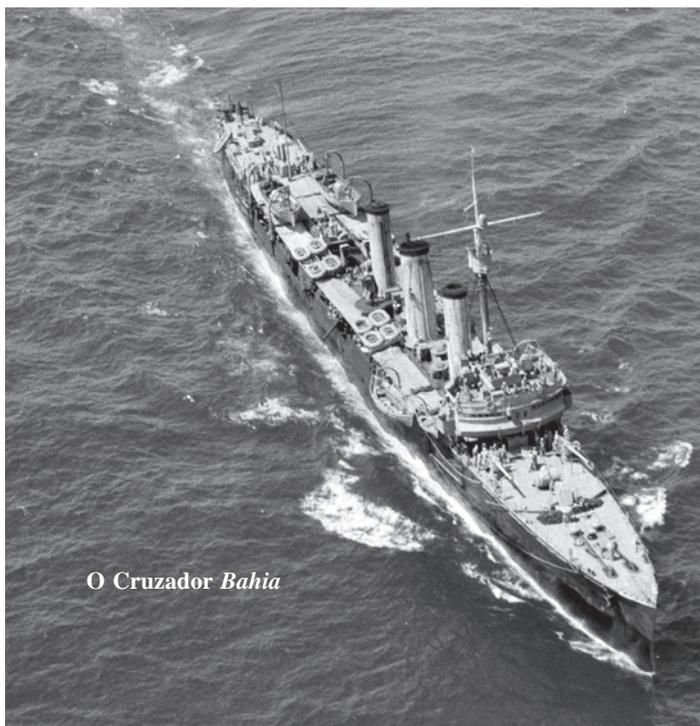
O Cruzador *Bahia* teve seu afundamento atribuído a um acidente operativo quando navegava próximo aos

rochedos que hoje constituem o Arquipélago de São Pedro e São Paulo, onde se encontrava em trabalho de controle e apoio ao transporte aéreo das tropas americanas, de regresso da Europa para os Estados Unidos da América (EUA), logo após o término da Segunda Guerra Mundial.

Mesmo com o fim do conflito, 11 submarinos alemães ainda navegavam ou tinham os seus destinos desconhecidos. Na im-

pressão, eram constantes os relatos sobre o aparecimento dessas ameaças ao longo de nossa costa, o que demonstrava o perigo que eles potencialmente representavam. Por isso a Marinha do Brasil, em conjunto com os norte-americanos, permanecia em alerta, patrulhando as águas do Atlântico.

“Lembro-me de tudo muito bem. Mas isso não quer dizer que fiquei com trauma. O acidente tinha que acontecer e pronto”



O Cruzador *Bahia*

Em 30 de junho de 1945, o cruzador suspendeu de Recife para substituir o Contratorpedeiro de Escolta *Bauru* (hoje navio-museu), rendido em alto-mar no dia 2 de julho. Iniciava-se, com isso, aquela que seria sua última missão de patrulha. No dia 3, enviou uma mensagem de rotina, retomando o silêncio rádio⁴. Em 4 de julho, durante os preparativos para um exercício com as metralhadoras antiaéreas Oerlikon de 20 mm, conforme versão oficial, parou momentaneamente para lançar ao mar um alvo flutuante para exercício de tiro, mas, às 9h10, foi atingido por uma violenta explosão provocada por um disparo acidental, que acertou as cargas de profundidade na popa.

Sem muito esforço de memória, Mosquito detalhou o que aconteceu na manhã daquele fatídico dia:

“Por volta de 7h30, começou a preparação para o exercício de tiro. O café fora às 8 horas. Comi, ainda bem, uma substanciosa farofa de carne-seca. Depois fui descansar na coberta próxima à proa e a um bailéu⁵. Estava lendo um romance e, em pouco tempo, ouvi uma forte explosão. Logo ouvi também um grito de ‘me tira daqui’ vindo do bailéu, onde havia um preso. Quando lá cheguei, já haviam quebrado o cadeado e ele estava sentado numa escada. Subi com calma e, ao olhar para a popa, vi vários marinheiros de cueca e camiseta. A forte onda causada pela explosão rasgara suas roupas e causara-lhes hemorragias pelo nariz e pela boca. Prestei socorro a um rapaz, deixando-o confortável. Constatei que a explosão fora na popa, onde ficavam os camarotes dos oficiais e a secretaria.”

No livro *Flores ao Mar*, Raul Coelho Barreto Neto destaca a participação de Mosquito no socorro prestado ao comandante Garcia D’Ávila, de 47 anos, ferido por estilhaço quando caminhava pelo convés, a bombordo, no momento da explosão. “Garcia D’Ávila foi conduzido à enfermaria pelo Terceiro-Sargento Antônio Luiz dos Santos. Mosquito havia sido campeão sul-americano de 100, 200 e 400 m de nado de peito”, relata.

Mosquito confirmou a ajuda prestada ao comandante, e, prosseguindo no seu relato, extraiu de sua memória detalhes sobre o episódio:

“Logo apareceu o Sargento Moraes com o comandante nos braços. Na ocasião da explosão, o comandante vinha da popa e foi jogado longe, daí ter tido uma fratura exposta no braço direito. Ajudei o Moraes a conduzi-lo e fiquei com ele enquanto o sargento fora pegar material para curativo e contenção do braço. Quando Moraes chegou, fui ver se havia muita gente na água. Olhei a bombordo e nada vi, porque as balsas estavam penduradas a boreste. A baleeira estava superlotada. Enquanto isso, o comandante perguntava o que ele tinha, pois não estava sentindo nada. Respondi que tinha uma fratura exposta. Naquela época usava-se só iodo, com o que o tratamos. Não havia sulfa nem penicilina. Quando Moraes preparava para pôr o braço do comandante na tipoia, ouvimos que o navio estava indo a pique. O enfermeiro sugeriu pegarmos o material e o comandante e sairmos dali. Em seguida o navio emborcou. Escorregamos e vi que o enfermeiro tinha caído com o comandante.”⁶

⁴ N.R.: Silêncio rádio – Praticado para evitar-se denunciar a posição do navio para eventuais submarinos alemães na área.

⁵ N.R.: prisão.

⁶ “O Segundo-Sargento (EF) João Moraes de Lima carregou-o no colo após atendimento médico. D’Ávila pediu para ser colocado no chão, e para que o sargento se safasse. Ambos foram sugados pelo mar. (Do livro *Flores ao Mar*, de Raul Coelho Barreto Neto)

Mosquito relatou que naquele momento viu, ainda, que o Tenente Lúcio Torres Dias⁷ tentava subir para se atirar na água: “Contornei o tenente, passei debaixo de um canhão 120 e caí no mar. Ainda vi o farol vermelho do navio. Nadei e pensava na sucção, no momento em que a proa fosse encoberta pela água. Nadei mais e ouvi o barulho da sucção. Quando me virei, só vi gente gritando”.

A EPOPEIA

Já no mar, Mosquito preocupou-se, então, em procurar uma das balsas salva-vidas⁸. Avistando uma delas, entrou. “A balsa já estava bem cheia. Seu comandante [cada uma tinha o seu comandante] era o Primeiro-Tenente Vergueiro, dentista. Lembro que o sargento de Máquinas Luís Silveira Souto, de 1,95 m de altura, um homem que sempre fora muito rígido com seus subordinados, pediu ao Tenente Vergueiro para entrar na balsa. Os outros ocupantes

não gostaram muito, mas naquela hora todo mundo estava na mesma horrível situação. Silveira Souto estava de cuecas, camiseta e com um par de sapatos tipo bombeiro. Todos estavam com água até quase à cintura, e eu disse ao comandante que já havia muita gente na balsa. Tinha que sair alguém, pois a superlotação aumentava o perigo de ataque de tubarões. Fui eu então para outra balsa, mais vazia, onde não havia oficial. As balsas estavam mais ou menos reunidas, e houve uma redistribuição dos naufragos. A média por balsa era para ser de 12 pessoas, mas a maioria tinha de 19 a 24. O mar ainda estava bom. À tardinha, porém, começaram a aparecer caravelas⁹ coloridas, trazidas pelo vento. Pedi que as espantassem, mas que não se coçassem caso fossem queimados, pois a queimadura viraria ferida, o que pioraria com a água salgada. Um rapaz não seguiu a instrução e acabou sofrendo uma gangrena. Depois de resgatado, sua perna foi amputada.”

Detalhes como esses fluíam das lembranças de Mosquito. A voz se tornava mais forte e os gestos aumentavam à medida que continuava a narrar o drama dos naufragos do *Bahia*: “O pior ainda estava por vir. Como à noite o mar fica mais bravo, os cabos que ligavam as balsas sofriram trancos, o que poderia danificá-las. Então soltamos os cabos. Na manhã do segundo dia morreu o primeiro homem na minha balsa. Nela havia rações desidratadas e utensílios (talheres



⁷ N.R.: O primeiro-tenente de Máquinas Lúcio Torres Dias foi o único oficial que sobreviveu ao desastre. Faleceu em 23 de julho de 2007, de problemas cardíacos, no posto de contra-almirante.

⁸ N.R.: Dezesete balsas foram jogadas ao mar. Cada uma media 3 metros de comprimento x 1,5 m de altura.

⁹ N.R.: Animais encontrados na superfície de mares quentes, na forma de grandes colônias. Possuem longos tentáculos urticantes. O mesmo que caravela-portuguesa e langanhu.

etc.), mas não mais água de beber. Nas balsas superlotadas, fazia-se um rodízio para se ficar dentro delas. Como alguns ficavam na borda, aumentava o perigo de ataques de tubarões.”

Com o agravamento da situação, começaram a surgir os primeiros casos de loucura. “No segundo dia, o Sargento Alcântara queria se atirar na água. Eu o agarrei e lutei com ele. Tive que lhe dar um nocaute. Depois que ele se mostrou mais calmo, lhe expliquei com detalhes o que era um ataque de tubarões. Ele se acalmou, mas naquele mesmo dia morreu sobre as minhas pernas. Fiz uma prece para ele, esperei seu corpo enrijecer o máximo e procurei jogá-lo onde parecia não haver muitos tubarões.”

O Suboficial Vivaldo da Rocha Vaz, também sobrevivente do naufrágio, confirma, em seu livro *A epopeia do Cruzador Bahia e o martirológico de sua guarnição*, publicado em 1951,

o que nos relatou Mosquito. Vivaldo diz: “Nossas balsas se aproximavam com grande sacrifício, pois remávamos com um só remo e com um sarrafo. A balsa do Sargento Mosquito trazia um homem morto. Mosquito mostrava-me o cadáver (...)”. E prossegue: “Mosquito tinha três latas de leite e pacotes de vitaminas. Amarramos nossa balsa à dele, com um cabo de reboque que nos foi passado. Essa balsa, que a princípio estava com 20 homens, já perdera um e tinha mais dois passando mal, deitados no fundo. Passamos essa noite juntos. Mar forte. Frio intenso. O jogo da balsa não nos dava um momento de descanso. Em dado momento há um grande barulho na

minha balsa e na do Mosquito. Em cada uma delas e ao mesmo tempo havia enlouquecido um homem”.

Mosquito tornou-se naturalmente o líder de sua balsa, o que atribuía não só à sua reconhecida boa forma física, mas também à sua maneira realista de encarar as situações. “Logo procurei não dar falsas esperanças a ninguém. Eu dizia sempre: o objetivo nosso aqui é vender caro a vida. Ninguém queria a ração, pois não tínhamos saliva para dissolvê-la, o que era horrível. Mas mesmo assim eu me obrigava a comê-la. O que mais fazia falta era a água para beber. Além disso, o sol era muito quente ao nascer, e as noites eram muito frias. Presenciei outras três mortes na minha balsa e joguei os corpos no mar.”

No terceiro dia havia apenas sete homens na balsa de Mosquito. “Um deles

se jogou, ou caiu, numa área perigosa. Consultei os outros cinco companheiros se eu deveria ir atrás, e todos acharam que não, pois poderia custar também a minha vida. Decidi não ir. Fiquei depois uns dois anos pensando naquele momento”, lamentou, arrematando o relato com silêncio e um olhar perdido no tempo então distante.

A essa altura, muitos marujos estavam enlouquecidos e as brigas eram constantes. “Um deles me chamava para ir com ele para Friburgo. Daí caiu na água. A sorte era que o mar estava tranquilo, na preamar. Então o peguei de volta. Ele ainda se atirou umas duas vezes, mas voltou. De madrugada, um marujo, com frio, pediu que o taifeiro ficasse de costas para que ele colo-

“O objetivo nosso aqui é vender caro a vida. Ninguém queria a ração, pois não tínhamos saliva para dissolvê-la, o que era horrível. Mas mesmo assim eu me obrigava a comê-la. O que mais fazia falta era a água para beber”

casse ali suas pernas. Um outro também quis a mesma coisa. O primeiro deu um tapa no segundo, que revidou, enlouquecido. Pensei: ‘Vai chegar a hora de ele vir para o meu lado’. Então ‘reagi’ antes. Ele caiu no mar e o pegamos de novo. Então ele começou a enrolar um fio e dizia que era para içar a balsa quando chegássemos a bordo. Era a volta do espírito do marinheiro...”

Algumas das balsas estavam pintadas de cinza, pois o serviço de pintura estava sendo feito antes do naufrágio, e algumas não chegaram a receber a cor amarela, que facilita a visibilidade para um possível salvamento. Mas, apesar disso, este acabou vindo.

O RESGATE

Do terceiro para o quarto dia, foi avistado o *Balfe*, navio que vinha de Liverpool (Inglaterra) com um só passageiro, Jorge Drummond. “Naquela época eu tinha uma ótima visão e constatei que era um mercante. No quarto dia o *Balfe* pegou a primeira balsa. Uma hora após pegou a segunda. Depois veio na nossa direção e acenamos com as madeiras do estrado para facilitar a localização. Eu fazia rodízio com os outros dois da minha balsa porque eles mal aguentavam suspender as madeiras. Eu sentia que eu era o mais resistente.”

Atribuindo seu salvamento não só ao seu preparo físico, mas

também à força que adquiria ao pensar em sua família, Mosquito falou com entusiasmo dos primeiros momentos passados no navio que os resgatou: “O Sr. Drummond conversou comigo e me deu um caderno para que eu anotasse os nomes dos que tinham sido salvos. Eu, esgotado e com muitas dores nas costas, saí andando totalmente encurvado para cumprir essa tarefa. O primeiro nome que anotei, com enorme satisfação, foi o meu, com o apelido do lado. Não vi o Tenente Lúcio a bordo. Acho que ele chegou na noite do outro dia”.

Mas nem tudo era alegria no *Balfe*. “Os militares estavam muito abatidos. Ficamos no porão, deitados em cobertores de lã pura que espetavam muito. Estávamos com um terrível mau cheiro de suor. Isso sem falar que alguns náufragos não resistiram e morreram ali.” Raul Coelho Barreto Neto completa em seu livro¹⁰: “O Mosquito e o Paranhos recebem calça de casimira, camisa de frio e chinelos; metem-se nessas rou-



Balsa do Cruzador *Bahia* sendo içada vazia pelo Contratorpedeiro *Marcílio Dias*, em julho de 1945, um dos navios que buscou sobreviventes

¹⁰ N.R.: Os livros *História Naval Brasileira*, 5º volume, tomo II (SDGM) e *A Marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial* (1982), do Almirante Arthur Oscar Saldanha da Gama, são outras duas boas referências sobre o afundamento do Cruzador *Bahia*. O episódio também é enfocado na obra de ficção *Memórias do Porto*, de Roberto Sobral.

pas e vão auxiliar os que estão a ré. Voltam depois informando que as roupas eram poucas, de modo que somente quem pudesse andar iria vestido”.

No desastre, perderam a vida o seu comandante, Capitão de Fragata Garcia D’Ávila Pires de Albuquerque, e mais 342 dos 376 homens que estavam a bordo (cem de imediato), inclusive quatro marinheiros americanos, responsáveis pelo contato com as aeronaves dos EUA (telegrafistas).

Dos mortos, 16 eram oficiais. Os que morreram nos quatro dias de naufrágio foram vítimas dos seus ferimentos, do sofrimento causado pela ação do sol sobre seus corpos salgados pela água do mar, da fome, da desidratação e da voracidade dos tubarões. Dos 33 tripulantes do *Bahia* salvos pelo *Balfe*, cinco morreram em trânsito para o Recife e foram sepultados no mar.

Ao afundar, o cruzador tinha um total de 110 mil milhas navegadas e 390 dias de mar e contabilizados 728 mercantes escoltados. Sua baixa foi oficializada pelo Aviso nº 1.055, de 19 de julho de 1945.

E A VIDA CONTINUOU...

Ao desembarcarem no Recife, os sobreviventes foram levados para o Hospital Centenário. “Não podíamos tomar banho no hospital, por causa das queimaduras”, lembrava Mosquito, que, após ter alta, ficou quatro meses em casa. Sua mulher também se recuperava ao lado do marido, já que se adoentara com as notícias de que certamente não havia sobreviventes. “Ela emagreceu assustadoramente”, contou.

Após o período em casa, o militar reembarcou no *Belmonte*, onde passou dois meses. “Não tive receio de embarcar novamente.” Em 1946, Mosquito fez uma

viagem com o Navio-Escola *Almirante Saldanha*. Em 1951, foi a Philadelphia buscar o Cruzador *Tamandaré*, adquirido da Marinha dos Estados Unidos. “Acho que foi um prêmio que quiseram me dar. Embarquei com alegria e viajei sem medo.”

Paralelamente, Mosquito continuava se dedicando ao esporte. No mesmo ano de 1951, participou dos Jogos Pan-Americanos, realizados na Argentina, integrando, como goleiro, a equipe de polo aquático, que obteve a medalha de prata.

O militar ficou na ativa durante 24 anos. Servindo no *Tamandaré*, pediu transferência para a reserva (era então suboficial e passou a primeiro-tenente), obtida em 30 de dezembro de 1952. Na reserva, passou a jogar na equipe de polo do Vasco da Gama e depois foi treinador do time. Recebeu a Medalha Mérito Tamandaré em 1994.

“Não tive receio de embarcar novamente”



O Tenente Mosquito recebe a Medalha Mérito Tamandaré

Mosquito continuou vivendo no bairro carioca da Ilha do Governador, onde pas-sara a morar desde que ingressara na Mari-nha. Em 1942, casou-se com Dona Maria de Lourdes (falecida em 1975). Da união nasceram dois filhos: Maria da Conceição (falecida em 1997) e Antônio Luiz¹¹. Tam-bém naquele bairro nasceram os seus qua-tro netos. “Ele nunca quis sair da Ilha, onde fomos criados e onde vivo até hoje. E ele não quis morar conosco depois que nossa mãe morreu. Ele era muito independente”, conta Antônio Filho.

Assim, dono de invejável saúde e de boa disposição, Mosquito seguiu vida tranquila até os seus 96 anos, cumprindo serenamen-te sua rotina, que consistia, basicamente,

em manter-se informado por meio da leitura de jornais e assistindo a noticiários, con-versando com os vizinhos, relembrando os velhos tempos com os amigos ou simples-mente descansando nos jardins que rodei-am o seu prédio. Nos fins de semana ia para a casa do filho, desfrutar do convívio com a família. “Assim era meu pai, assim ele foi até o final: muito tranquilo, mas ao mesmo tem-po forte, otimista e guerreiro.”

HOMENAGEM AOS MORTOS EM GUERRA

Além do Cruzador *Bahia*, a Marinha perdeu mais dois navios na Segunda Guer-ra Mundial: o Navio-Auxiliar *Vital de Oli-*



Da esquerda para a direita, Antônio Luiz dos Santos, Maria Conceição (filha), Maria de Lourdes Trindade dos Santos (esposa), Antônio Luiz (filho)

¹¹ N.R.: Antônio Luiz dos Santos Filho muito contribuiu para a produção deste artigo, esclarecendo detalhes sobre a vida de seu pai e fornecendo fotos para ilustrar a matéria, pelo que a *RMB* agradece.

veira (em 19 de julho de 1944, com 99 mortos) e a Corveta *Camaquã* (em 21 de julho do mesmo ano, com 35 mortos). No conflito, foram atacados e afundados 32 mercantes, contando-se, no total, 972 perdas (mortos e desaparecidos).

A data do naufrágio da Corveta *Camaquã* foi escolhida pela Marinha do Brasil para homenagear a memória de todos os seus mortos em guerra. Assim, em 21 de julho último, ao presidir a cerimônia de homenagem, realizada no Rio de Janeiro, o comandante de Operações Navais, Almirante de Esquadra

Marcus Vinicius Oliveira dos Santos, citou não só os heróis da *Camaquã*, mas também o Imperial Marinheiro Marcílio Dias e o Guarda-Marinha João Guilherme Greenhalgh, que pereceram lutando a bordo da Corveta *Parnayba* na Batalha Naval do Riachuelo (11 de junho de 1865), e os que perderam suas vidas no mar nas Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Deste último conflito, foram lembrados, além dos integrantes da Marinha Mercante, os mortos no torpedeamento do Navio-Auxiliar *Vital de Oliveira* e no acidente operativo do Cruzador *Bahia*.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA> História da Marinha do Brasil; Segunda Guerra Mundial; Afundamento; Cruzador;